

Para uma ontologia dos objectos do real

Maria Isabel Aldinhas Ferreira

Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa

Abstract

Individuation is inherent to cognition and it is closely linked to the concept of oneness. As it was postulated in Ferreira (2007), being one is primarily grounded on qualitative distinctness and spatial definition. Based on the empirical evidence provided by European Portuguese and British English, the author defined what she called a “structured motivated ontology”. This ontology stems from the distinction between two types of universes: atomic universes- comprehending the entities that have a spatial definition and the composite universes, comprehending the entities that, a priori, seem to lack this definition. The work we present now goes back to that ontology redefining some of its essential distinctions.

Keywords: individuation, qualitative distinctness, oneness, atomic universes, composite universes.

Palavras-chave: individuação. distinção qualitativa, ser um, universos atômicos, universos compósitos.

0. Introdução

O enquadramento teórico que sustentou esta investigação, e cujos princípios de natureza epistemológica estão definidos em Ferreira (2007), Ferreira (2010), centra-se no processo semiótico inerente a todas as formas de cognição e no fenómeno de individuação que lhe subjaz. No que se refere à cognição humana este fenómeno desenrola-se em duas vertentes complementares: por um lado, o âmbito da nomeação ,i.e.,a definição de identidades semânticas e o seu reconhecimento como entidades de um dado mundo e, por outro lado, o âmbito da referência, ou seja a actualização de padrões morfossintácticos típicos individuando essas entidades nas diversas instâncias discursivas.

De acordo com o enquadramento biosemiótico definido em Ferreira (2007), a definição dos objectos¹ do real e, consequentemente, a construção da identidade resultam do complexo processo semiótico que envolve os agentes cognitivos e o meio físico, social, cultural e linguístico em que estão inseridos.

No centro do processo semiótico inerente a qualquer forma de cognição está o fenómeno da individuação, isto é, a identificação por parte de um organismo de conjuntos de traços responsáveis por aquilo que designamos como distinção qualitativa essencial. É a individuação destes conjuntos de traços definidores, e consequentemente diferenciadores, que torna possível a atribuição de significado e o reconhecimento de entidades particulares. Estas, mentalmente configuradas, constituem-se em imagens² prototípicas associadas a conjuntos de propriedades que dão substância à sua identidade semântica e as tornam significativas.

O fenómeno da individuação está intimamente ligado ao conceito de “oneness”- o ser um. Oneness assenta em primeira instância na essência diferenciadora. Mas “o ser um” é também reforçado pelo modo como mentalmente representamos e conceptualizamos certas entidades. De facto, as entidades percebidas como espacialmente delimitadas, “bounded”³ (por oposição àquelas que são conceptualizadas como “unbounded” possuem intrinsecamente o potencial para uma identidade numérica que acentua a sua natureza una.

Tendo por base uma amostra de cerca de 2000 unidades lexicais pertencentes ao Inglês e ao Português Europeu, Ferreira (2007) procurou demonstrar como a distinta natureza dessas configurações afecta o estatuto das entidades enquanto indivíduos, determinando o modo como o que é “um” se distingue, por um lado daquilo que é “múltiplo” e, por outro lado, das entidades a que não atribuímos a priori identidade numérica e que por isso não são passíveis de enumeração.

O trabalho que agora apresentamos retoma a ontologia então apresentada reformulando e alargando alguns pontos essenciais. Esta ontologia, designada pela autora como “estruturalmente motivada”, parte da definição de dois grandes universos: o das entidades concebidas como “bounded”, i.e., entidades espacialmente delimitadas e estruturalmente definidas – universos atómicos – e os universos correspondentes às entidades conceptualizadas como “unbounded”, entidades sem definição espacial nem estrutural e que constituem aquilo que designámos por universos compósitos

¹ O termo “objecto” é aqui entendido em sentido lato.

² Por imagem entendemos toda a representação mental e não exclusivamente aquela que está associada a uma representação visual.

³ Cf. Jackendoff (1983).

1. Universos atômicos

1.1. Objectos singulares

1.1.1. Objectos singulares de estrutura mono

Começaremos por observar o conteúdo semântico dos nomes correspondentes a entidades concebidas como espacialmente delimitadas e estruturalmente definidas. Este conteúdo semântico será representado de acordo com os parâmetros definidos em Ferreira (2007). Estes parâmetros são: “estatuto”, “estrutura”, “natureza”, “função”, “material”, “constituição”.

Tomemos “mesa” como exemplo:

mesa

estatuto: bounded/delimitado

estrutura: definida-mono

natureza: artefacto

função: plataforma de suporte para tomar refeições, escrever...

material: madeira, metal, plástico...

Quadro 1: Representação da informação semântica contida em “mesa”

“Mesa” corresponde a uma entidade concebida como sendo estruturalmente simples e cuja configuração⁴ bem definida está associada ao desempenho de funções específicas.

A clara definição espacial associada a “mesa” determinará a escolha de um padrão morfossintático típico, comum a todos os nomes que correspondem a entidades conceptualizadas como espacialmente delimitadas- o padrão típico associado aos nomes contáveis- ao qual necessariamente reportamos sempre que individualizamos a referência e que afecta não só o arranjo estrutural no interior do sintagma nominal mas determina o todo o arranjo estrutural a nível frásico.

1.1.2. Objectos singulares de estrutura dupla

Como temos vindo a dizer, o modo específico como as diferentes entidades são percebidas e mentalmente definidas determina a sua forma linguística, com reflexos no que respeita à sua actualização estrutural. Um exemplo típico são os nomes que estão marcados como plurais, embora correspondam a um único objecto, e.g., “scissors”, “pliers”, “glasses”, “jeans”, ou em Português “óculos”, “calças”, “suspensórios”. Apesar

⁴Embora haja ligeiras variações, formato do tampo ou número de pernas, existe uma configuração base típica que permite distinguir uma mesa de outra peça de mobiliário.

de corresponderem a um único objecto, o facto de serem concebidos como resultando da articulação de duas partes distintas determina a sua morfologia plural.

óculos

estatuto: bounded/delimitado

estrutura: definida: estrutura dupla

natureza: artefacto

função: proteger e/ou melhorar visão

material: vidro, acrílico

Quadro 2: Representação da informação semântica contida em “óculos”

No entanto, o falante normalmente não se questiona sobre a razão desta pluralidade, quando profere enunciados do tipo:

(1) Os teus óculos estão ali.

1.2. Objectos Complexos

1.2.1. Pares Funcionais

Um fenómeno idêntico verifica-se em relação a nomes como “sapatos”- “shoes”, “meias”-“socks”, ou “luvas”-“gloves”. No entanto, neste caso a marca de pluralidade assinala de facto a existência de dois objectos distintos que, ainda que ligados pelo desempenho simultâneo do mesmo papel funcional, mantêm uma certa autonomia existencial que a linguagem reflecte.

(2) O menino perdeu o sapato (do pé direito).

(2’) The boy lost his right shoe.

Representando a informação contida em “sapatos” teríamos:

sapatos

estatuto: bounded/delimitado

estrutura: definida: composta

natureza: artefacto

função: cobrir e proteger os pés ao andar

material: frequentemente couro, pele

Quadro 3: Representação da informação semântica contida em “sapatos”

O individualizador “par” permite que nomes como “óculos” ou “sapatos” ocorram em contextos que envolvem enumeração.

(3) Dois pares de sapatos.

(3’) Two pairs of shoes.

O enunciado (4) só é possível se o considerarmos uma redução de (5)

(4) Ela comprou três sapatos.

(5) Ela comprou três pares de sapatos.

Concluiremos os universos atômicos observando os que correspondem aos objectos complexos colectivos.

1.2.2. Objectos Complexos: Colecções

As colecções são objectos complexos, constituídos por entidades individuais que preservam a sua identidade semântica, uma identidade que pode ser sempre especificada.

(6) Uma manada de búfalos estava perto.

Os elementos individuais que constituem estas entidades complexas são concebidos como elementos discretos, partes constitutivas de uma entidade global. Como Langacker (1987) refere, p.191: “the members of a collection as “team” are interconnected by virtue of their role as participants in the conceived relationship of cooperative effort toward a common goal and though lacking a spatial definition a “team” is conceptualised as a bounded entity”. Os elementos constitutivos dos universos complexos colectivos estão ligados entre si por laços estruturais ou funcionais que dão a esse universo a coesão necessária para que ele seja conceptualizado como “um”, como uma entidade complexa discreta.

equipa

estatuto: bounded/delimitado

estrutura: definida:complexa

natureza: orgânica

constituição: indivíduos cooperando para atingir um objectivo comum

Quadro 4: Representação da informação semântica contida em “equipa”

Estas entidades complexas, concebidas como discretas, partilham o padrão morfossintáctico típico dos nomes que designam objectos singulares.

(7) Um pássaro cruzou o céu.

(8) Um bando cruzou o céu.

Poderíamos, pois, concluir que as s colecções parecem ser definidas pela convergência das seguintes condições:

1. Uma composição de elementos discretos.
2. Estes elementos estão ligados por relações de dependência estrutural ou funcional.
3. Estas relações definem o elo que liga os elementos entre si estruturando e dando coesão ao complexo.

4. A identidade e relação dos elementos define a natureza ontológica do complexo.

As distinções que temos vindo a desenhar no que se refere à diferente natureza estrutural dos universos atómicos pode ser sintetizada no seguinte diagrama:

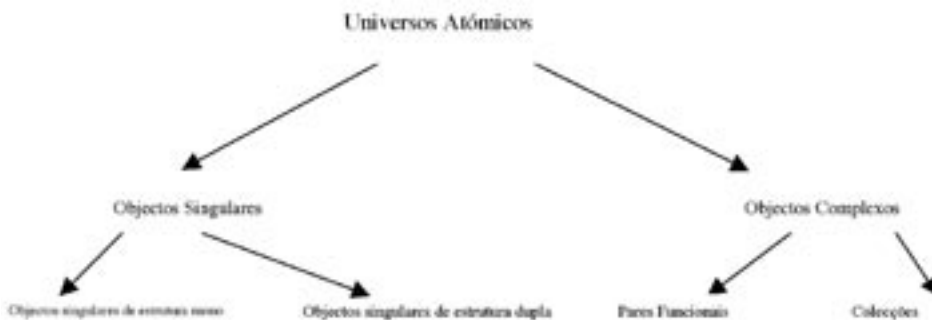


Figura 1: Universos Atómicos

Observemos, agora, os universos compósitos, ou seja aqueles que correspondem a entidades que apresentam menor definição estrutural.

2. Universos compósitos

Os universos compósitos distinguem-se dos universos atómicos complexos pelo facto de, ao contrário destes, serem concebidos como estruturalmente indefinidos e consequentemente conceptualizados como não delimitados, unbounded. Apesar de reconhecidos como constituídos por múltiplos elementos, a identidade individual destes elementos esbate-se, não garantindo a coesão estrutural do universo. Distinguímos três tipos de universos compósitos: os clusters, os objectos meteorológicos e as substâncias.

2.1. Clusters

2.1.1. Designadores de Categoria

2.1.1.1. Tipo A

Olhando de perto para o léxico encontramos termos como “calçado”, “roupa”, “gado”, “dinheiro” ou “footwear”, “tableware”, “jewellery”, “furniture”, “stationery” que aparentemente também designam grupos de entidades. Contudo existem diferenças substanciais entre este tipo de “grupos” e aqueles que correspondiam a entidades como “equipa” ou “bando”. De facto o universo de denotação de termos como “roupa” ou “jewellery” é constituído por diferentes objectos que pertencem à mesma categoria ou

domínio da experiência. “Roupa” denota qualquer objecto feito de tecido e usado para cobrir ou proteger o corpo. É um conceito compreensivo, englobando não só objectos como “calças”, mas também objectos como “cobertor”. “Jewellery” designa objectos, frequentemente feitos de ouro ou prata, de natureza muito diversa.

Nos clusters não existem relações de dependência estrutural ou funcional. O todo é heterogéneo, o cluster corresponde a um termo compreensivo, um designador de categoria, que se constitui tendo por base a afinidade ontológica. Neste tipo de universo a identidade dos elementos individuais não é especificada, mesmo porque a heterogeneidade do cluster não permite essa especificação. Provavelmente por isso a especificação da identidade semântica dos elementos individuais através de uma “of-phrase” não parece aceitável.

(9)*Roupa de calças

(10)*Jewellery of rings

No entanto, (11) ou (12) são perfeitamente aceitáveis:

(11) Roupa de algodão

(12) Roupa de bebé.

Contudo, tanto (11) como (12) não identificam de facto os elementos constitutivos do cluster, dão sim informação, também ela de carácter geral, sobre o tipo de material de que é feita ou do público a que se destina. A heterogeneidade do cluster está patente quando representamos a informação nele incorporada:

calçado

estatuto: unbounded/não delimitado

estrutura: indefinida: compósita

natureza: artefacto

função: cobrir e proteger os pés

Quadro 5: Representação da informação semântica contida em “calçado”

Os clusters correspondem geralmente, como dissemos, a termos compreensivos que se situam a um nível mais elevado no que respeita à organização categorial das entidades. Dado não corresponderem a entidades concebidas como discretas, estes nomes, apesar de aparentarem uma forma singular, não ocorrem em contextos enumerativos.

2.1.1.2. Tipo B

Nomes como “víveres” e “mantimentos” ou “refreshments” e “clothes” são exclusivamente plurais. Denotam grupos de entidades não individualizadas que, como acontecia com os designadores de categoria tipo-A, pertencem à mesma categoria ou domínio da experiência, isto é, partilham um ou vários traços considerados essenciais para a definição da sua identidade semântica.

mantimentos

estatuto: unbounded / não delimitado

estrutura: indefinida-compósita

natureza: orgânica

função: alimentar

Quadro 6: Representação semântica contida em “mantimentos”

“Mantimentos” denota um conjunto de objectos cuja identidade individual e número são ignorados mas que partilham um traço fundamental da sua significação- a função. São aquilo que é necessário à manutenção de uma pessoa ou de um grupo. Estes nomes têm uma morfologia plural, no entanto quando os contrastamos com os designadores de categoria tipo- A, verificamos que desempenham o mesmo tipo de função ao nível da organização lexical. A hipótese de existirem duas opções lexicais possíveis para actualizar o mesmo tipo de entidades sai reforçada quando contrastamos os pares seguintes:

(13) Onde está a roupa dele?

(14) Onde estão as roupas dele?

(15) O rapaz trouxe a bagagem.

(16) O rapaz trouxe as bagagens.

Não correspondendo a entidades concebidas como discretas, os termos que designam tipos ou categorias assumem formas indistintamente plurais ou formas que são aparentemente não marcadas no que respeita à categoria número.

2.1.2. Agregados naturais

Considerámos os nomes que designam certas espécies vegetais com forma mais ou menos indiferenciada - “relva”, “musgo”, “bróculos” ou “grass” e “broccoli”- um tipo específico de cluster que designámos como um agregado natural, que, dependendo muitas vezes da origem etimológica, tanto pode assumir uma forma plural como uma forma não marcada.

2.1.3. Objectos Meteorológicos

Este ramo particular da ontologia compreende, como o seu nome indica, termos que designam fenómenos meteorológicos. Termos como “nevoeiro”, “neblina”, “neve”, “chuva” ou “mist”, “fog”, “snow”, “rain” designam entidades que correspondem a universos compósitos, definindo, tal como todos os nomes que denotam universos compósitos, o padrão morfossintáctico típico dos nomes não-contáveis.

| | |
|-------------------------------------|---------|
| (17) muito(a) / pouco(a) / bastante | chuva |
| | neve |
| | neblina |
| | vento |
| | |

A pluralização destes termos, e.g, “chuvas”, “nevoeiros”, “ventos” corresponde a diferentes tipos ou instâncias do mesmo fenómeno.

2.1.4. Substâncias

Como referimos no início, ser “um” resulta da convergência de dois factores fundamentais: a definição de uma identidade qualitativa resultante da fusão de um conjunto de traços significativos e a definição da sua integridade no espaço e/ou tempo.

Começamos por observar entidades às quais de imediato associamos uma indiscutível delimitação espacio-temporal e fomos progressivamente identificando universos em que essa delimitação progressivamente se esbate. As substâncias constituem o paradigma dos universos compósitos onde a visibilidade e atomicidade dos constituintes individuais dá lugar à noção de totalidade indistinta. Contudo, as substâncias variam no que respeita à visibilidade dos seus constituintes. Num extremo encontramos entidades essencialmente contínuas como “água” ou “gás”, noutro encontramos entidades constituídas por elementos idênticos, tal como “arroz” ou “milho”. As substâncias são percebidas como informes e por isso são conceptualizadas carecendo de definição espacial.

açúcar

estatuto: unbounded/não delimitado

estrutura: compósita: indefinida

natureza: substância comestível

função: adoçar

Quadro 7: Representação da informação semântica contida em “açúcar”

O universo de denotação das substâncias é caracterizado pela homogeneidade estrutural e ontológica. O facto de uma pequena porção de uma substância poder ser dividida sucessivamente em porções menores, mantendo intacta as suas propriedades distintivas, a sua essência, é reconhecido como um traço distintivo destes universos.

Sobre as propriedades semânticas e comportamento morfosintáctico deste tipo de nomes não nos alongaremos, dada a extensa literatura sobre o assunto. Acrescentaremos apenas que, tal como acontece com outros universos compósitos, os nomes de substância não podem, sem mudança de sentido, ocorrer em contextos em que exista enumeração. Tal como os seus congêneres também eles definem os padrões morfosintácticos típicos dos nomes não contáveis. O diagrama ilustra os diferentes tipos de universos compósitos que foram propostos.

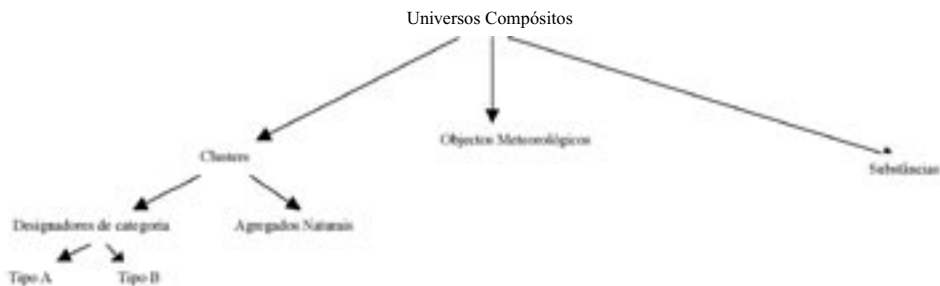


Figura 2: Universos Compósitos

Apesar de a proposta aqui apresentada se ter revelado eficiente e produtiva na categorização de uma variedade ontológica significativa, estamos conscientes de que inevitavelmente encontraremos “in-between cases” que aparentemente não se “encaixam” exactamente em nenhum dos tipos aqui definidos. No entanto, acreditamos que as distinções essenciais aqui desenhadas contribuem não só para sublinhar o papel determinante desempenhado pelo modo como configuramos os objectos do real, mas também para um mais preciso conhecimento da variedade ontológica que subjaz à distinção entre nomes passíveis e nomes não passíveis de enumeração.

Referências

- Ferreira, Maria Isabel Aldinhas (2007) *On Meaning: the phenomenon of individuation and the definition of a world view*. Tese de doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Ferreira, Maria Isabel Aldinhas (2010) *On Meaning; a Biosemiotic Approach*. *Biosemiotics*, 3 (1) Springer.
- Jackendoff, Ray (1983) *Semantics and Cognition*, MIT Press. Cambridge.
- Jackendoff, Ray (1990) *Semantic Structures* Linguistic Inquiry Monograph 18, Cambridge: MIT Press.
- Langacker, Ronald (1987) *Foundations of Cognitive Grammar*, vol.1. Stanford University Press.